

Deus Pai Criador



HOMILIA DE 17 DE JUNHO DE 2018

PE. ERNESTO POPELKA



DEUS PAI CRIADOR

Homilia de 17 de junho de 2018. Pe. Ernesto Popelka

XI Domingo do Tempo Comum, Ano B

Leituras: Ez. 17,22-24; Sl. 91,2-3.13-16; 2Cor. 5,6-10

Em nome do Pai..., esperem, Deus nosso Pai que está nos Céus. Bendito seja! De onde tomam modelo, ou exemplo, ou inspiração, todas as demais paternidades do mundo, começando pelo Santo Padre o Papa, depois, os pais da pátria, nossos pais biológicos – que vivem ou que em paz descansam –; nossos pais adotivos, espirituais, padrinhos, patriarcas e todas as demais gamas que, embora não sendo o verdadeiro Pai – eu logicamente me incluo – representam, simbolizam neste dia dos pais, o único “*Pai nosso que estás nos Céus*” (Mt. 6,9). Por isso, em nome desse Pai, de seu Filho que o representou e manifestou a nós e, agora sim, do Espírito Santo, Amém. Que a Graça de Deus nosso Pai, de Jesus Cristo o Senhor, do Santo Espírito, e a proteção de Maria Santíssima estejam, queridos irmãos, com todos vocês. Pois disso vai tratar esta liturgia do décimo primeiro domingo do Tempo Comum, na qual também as leituras falam do Deus Criador, do Deus que semeia, do Deus que

planta e que renova, isto é, que exerce todas as funções de paternidade.

Recordaremos nossos entes queridos, logicamente os que foram nossos pais, alguns dos quais pusemos no mural para que vissem de onde nos vêm, o guapo, e a humildade. Lembra, senhor Gonzalo, há uns quantos anos que em um dia dos pais colocamos umas fotos no mural, dos pais falecidos que estão no Reino e dos pais que seguiam neste mundo, regalando-nos com seu exemplo e com seu amor? Disso, então, vai tratar este décimo primeiro domingo no qual aplicaremos a intenção por nossos pais falecidos...

Em primeiro lugar, exerce-se a paternidade de Deus nosso Pai e se ganha a paternidade; não somente a recebemos de presente, senão que também se conquista, e não com autoridade, mas com humildade, com simplicidade, com misericórdia. Este constitui o verdadeiro pai, o que nos ama e não o que grita conosco e nos xinga; talvez a este até façamos caso, sim, para não sofrer as consequências. Mas o verdadeiro pai, que nos ama com amor paternal, além de ser o que nos gera, nos protege e nos cuida, é também o que nos dá o exemplo de sua humildade. Agora pondo em exercício a humildade de nossos corações reconheçamos nossos pecados.

Leitura do Evangelho segundo São Marcos:

E dizia: “O Reino de Deus é como um homem que lançou a semente na terra: ele dorme e acorda, de noite e de dia, mas a semente germina e cresce, sem que ele saiba como. A terra por si mesma produz fruto: primeiro a erva, depois a espiga e, por fim, a espiga cheia de grãos. Quando o fruto está no ponto, imediatamente se lhe lança a foice, porque a colheita chegou”. E dizia: “Com que compararemos o Reino de Deus? Ou com que parábola o apresentaremos? É como um grão de mostarda, o qual, quando é semeado na terra — sendo a menor de todas as sementes da terra —, quando é semeado, cresce e torna-se maior que todas as hortaliças, e deita grandes ramos, a tal ponto que as aves do céu se abrigam à sua sombra”. Anunciava-lhes a Palavra por meio de muitas parábolas como essas, conforme podiam entender; e nada lhes falava a não ser em parábolas. A seus discípulos, porém, explicava tudo em particular.

Nossa sociedade, nossa cultura, celebra hoje o dia dos pais, e também aqui vamos aproveitá-lo. Da mesma forma, numa crescente, as leituras de hoje nos mostram esse simbolismo do semear. O que semeia a semente na terra – às vezes assim explicamos algumas coisas às crianças, não é mesmo? – o que gera, o que transmite a vida, o que renova,

como víamos na primeira leitura (Eze 17,22-24); todos simbolismos da criação, de dar a vida, de transmitir o germe, de produzir, semear, renovar, restaurar; todos símbolos do Pai.

Portanto, bem poderíamos dizer com os textos de hoje, e aproveitando também o dia dos pais em nossa sociedade, que vamos celebrar o dia dos pais, especialmente, de Deus nosso Pai que está nos Céus. E n'Ele – o único Pai que gera, cria, envia, que fundamentalmente gera o seu Filho e entre ambos geram o Espírito Santo – vamos colocar todas as nossas paternidades, desde nossos pais biológicos, adotivos, espirituais, da pátria – daí vem o nome também, a que é forjada por um pai, o patriota – enfim, são todas palavras derivadas do latim “Pater”. Então esse é o motivo deste décimo primeiro Domingo do tempo comum, do dia dos pais, demonstrando a paternidade aos que se acreditavam campeões do mundo [O México acabava de ganhar da Alemanha na Copa do Mundo de Futebol]; vamos ver quem são os verdadeiros pais! Não sigam brincando e prestem atenção ao que estão celebrando. Mas que barbaridade!

1. Estado atual do arquétipo e mediações

E celebramos o dia dos pais, celebramos a nossa paternidade e celebramos a Deus nosso Pai em um momento

– vamos chamá-lo psicologicamente, para entender, para dar-lhe um nome – em que nossa sociedade, nossa cultura, a modernidade, pretende criar sociedades, comunidades, ambientes, sem pais. A tendência psicológica atual é, precisamente, apagar a figura do pai, apagar todo aroma de limite, de disciplina, de diferença. *“Não! Como vamos estabelecer diferença? Pois estaríamos discriminando, se somos todos iguais! Todos temos os mesmos direitos, todos pensamos o mesmo. Como vão me dizer o que tenho que fazer? Como vão me dar ordens se tenho minha liberdade?”*. Estou ironizando um pouquinho, mas é um tema muito grave porque justamente algo tão fundamental para o ser humano, para a cultura, para a sociedade, para o mundo e para Deus “Pai nosso que estás nos Céus”, é o que se pretende apagar com esta investida liberal, investida, chamemo-la de “igualitária”. Creio que vocês têm escutado estes argumentos com bastante frequência, onde se pretende eliminar a figura do pai. E por que é que se pretende eliminar a figura do pai? Para que não haja disciplina, nem limites, nem ordens, nem regras? Porque cada um decide o que quer e “ninguém tem que me dizer o que fazer”, coloco tudo isso entre aspas, claro, e debochando de toda esta tendência liberal que é independência para hoje e dependência para amanhã. Porque hoje, quando tiramos de cima as paternidades para sermos muito independentes, amanhã nos submetemos a qualquer paternidade, inclusive espúria, que

pode aparecer em nossas vidas. Por quê? Porque é como se serrássemos o galho no qual estávamos apoiados.

Isso tem seu pano de fundo, sua raiz “ridícula”, como diria Mafalda – personagem da caricatura argentina – “o problema da sociedade atual é que todos querem ser o pai”, no fundo todos querem ser o pai; pois vivemos numa época em que pretendemos eliminar as paternidades e tudo o que representa a figura paterna ou patriarcal. Todos querem mandar; não te dizem, mas todos querem ser o pai. E como não o são, ou porque não se lhes foi dado ou porque não conquistaram: porque a paternidade não somente te presenteiam, senão que também a conquistam e a ganham com disciplina, com autoridade, com amor, com misericórdia, com humildade, e como não a conquistam por “A”, por “B” ou por “C”, há alguns que querem arrebatá-la violentamente; estes são os chamados ditadores, déspotas, prepotentes, totalitários, chegam atirando. O ditador parece representar uma figura paterna, mas não é pai de ninguém; todos os demais vão na onda para evitar as consequências, mas ninguém se submete com carinho e livremente a um ditador, faze-o somente por temor. Quando te submetes por temor, não há paternidade, há medo, e isso é outra coisa! Então, como não se tem a paternidade que todos, no fundo, desejam – mandar, ordenar, ser o *number one* – há alguns que a arrebatam de maneira violenta; são os chamados ditadores.

E há outros – a maioria – que dizem: *bom, como eu não posso ser o pai, então que ninguém o seja*. Eliminamos qualquer paternidade, eliminamos qualquer traço que tenha a ver com diferenças, com discriminação, com limites, com ordens, com mandatos, com hierarquias. “Por que este tem que me dizer o que tenho que fazer? Capaz que eu não vou saber!” Então eliminamos hierarquias, eliminamos papéis, eliminamos diferenças, em procura de uma suposta igualdade que não tem nada a ver. Diríamos que a igualdade sempre se considera a partir do respeito pelas diferenças. Se isto é o primeiro, que dignidade vamos ter se não nos respeitamos nas diferenças?

Passando imediatamente a outro ponto, essas figuras de paternidade, tão ausentes no mundo atual, ou tão caricaturescas, são precisamente as figuras que têm a ver com representações de paternidade. Nessas representações vão como que se desenvolvendo distintos tipos de figuras de “pai” – em psicologia isso é chamado de arquétipo – que vão conduzindo à paternidade desde o primeiro momento, como se fosse um processo de desenvolvimento. Recém falávamos com o sr. Gonzalo da importância relativa, por exemplo, que tem o pai biológico; é importante num sentido, mas relativo em outro. Pai não é somente o que engendra biologicamente, pai é também o que educa; às vezes há professores ou

mestres que exercem a figura de paternidade, porque me ensinam, me educam.

A figura de paternidade é também a que protege, ou deveria proteger, não é mesmo? Figura que te dá segurança; às vezes o próprio pai biológico é tudo isso, outras vezes uns representam uma coisa, outros representam outra. Quem defende ao mais pequeno se transforma também numa figura protetora; quem de alguma maneira aporta, provê, dá o sobrenome, alimenta, como os pássaros a seus filhotes, quem de alguma maneira educa, quem arrisca seu afeto e põe um limite arriscando que o filho o mande longe. *“Bom, mas eu sou pai, portanto vou pôr limites porque te amo, não porque quero representar alguma autoridade nem nada – a que tenho dá e sobra – não necessito que tu me dêes, pois foi Deus que me deu. Mas se te ponho um limite, se te dou um conselho arriscando a relação, e tu me mandas longe porque te ofendes, e porque ‘te encho o saco’, como dizem, porque não aguentas nada”*, esse é o pai! Vai-se como que conquistando, como que desenvolvendo em todos estes papéis, de pai biológico, de educador, de mestre, de guia, de chefe, de condutor, de organizador, e em outras culturas de rei, de imperador, de presidente, enfim!

Todos esses são como que diferentes papéis rumo ao pai espiritual. No mural pus não somente meu pai biológico – que em paz descansa – mas também meu pai espiritual, meu

padre Montes, que me educou na fé; são figuras. Pus São José, o pai adotivo de Jesus, e então... Mas como? Se Jesus disse que “um só é o meu Pai” (cf. Lc. 2,49). E como? Está mentindo a São José quando lhe chama de meu pai, papai? Não! São chamadas figuras mediadoras, condutoras para a única figura transcendente de Pai, que é Deus. A ninguém chameis de pai, diz claramente Jesus, mas só ao *Pai nosso que está nos Céus* (cf. Mt. 23,9). E todas as outras figuras? Todas as demais figuras somos condutoras desenvolvendo este conteúdo, sentimento, arquétipo, experiência de paternidade que, logicamente é superabundante, é infinita. Mas bem, como é grande demais para engolir, vamos tendo figuras parentais que no-la vão transmitindo em parcelas, em doses, como que em distintas etapas para que possamos ir digerindo, ou melhor dizendo, elevando nossos alvos até chegar a Deus nosso Pai, o único e verdadeiro “*Pai nosso que estás nos Céus*”.

2. Em Cristo

E tudo isso que eu estou lhes dizendo das figuras representativas, condutoras ou mediadoras, entre as que nos encontramos, logicamente – me chamam de Padre Ernesto e eu o sou –, é uma paternidade espiritual. Não é um prêmio de consolação por não haver tido filhos, “e como não teve filhos, vamos chamá-lo de pai para que fique contente”.

Creio que no inglês ao avô chamamos *grandfather*, não é mesmo? Grande pai! Por que? Premio de consolação ao velhinho com quem ninguém mais se importa, então o chamamos de pai? Não! Porque a figura do avô representa a elevação da figura do pai; apesar de que é o avô que paparica, que educa mal aos netos, etc. Ou o padrinho, o *godfather*, o que representa Deus, daí vem a palavra. Quando no batismo dizemos aos padrinhos: vocês representam Deus para estes pequenos, é porque exercem uma figura paternal para as criaturas, os afilhados de vocês.

Tudo isto que lhes estou transmitindo, a nós cristãos nos foi transmitido, foi-nos revelado, foi-nos ensinado, não porque tenhamos nos relacionado diretamente com o Pai – ninguém pode ver o Pai e seguir vivo, dizia Iahweh a Moisés “ninguém pode ver a Deus e seguir vivo” (cf. Ex 33,20) – senão que o aprendemos, o conhecemos, o compreendemos e até o denunciemos quando se carece dessa figura tão importante da paternidade na psicologia, na sociedade, na Igreja, no mundo, por Cristo que é Nosso Senhor. Ele nos revelou o Pai (cf. Mt 11,27), transmitiu-nos o Pai; e também por ser Deus, Cristo nos deu um pai biológico, um pai espiritual, o pai da pátria – daí também vem a palavra patrimônio – o que aporta ou deveria aportar, ou deveria trazer o sustento; o patriota, o que protege a pátria, o pai da pátria; o pai espiritual; o Santo Padre o Papa, assim

chamamos também o Papa: Santo Padre. Papa vem de “pope”, papai, o pai carinhoso, não é mesmo?

Tudo isso que estou lhes dizendo para desembocar em Deus nosso Pai, o recebemos de Cristo, o Filho, que nos falou do Pai e se dirigiu a Ele dizendo “meu Pai” (cf. Jo 5,43), “este é meu Pai”; e nos ensinou a dizer Pai Nosso, de todos nós, por isso somos irmãos, porque temos um Pai comum. Então, Cristo nos revela a figura do Pai não somente poderosa, eterna, e inclusive temida no Antigo Testamento – que se manifestava por raios, centelhas, trovões, relâmpagos (cf. Ex 19,16) – mas o Abbá (cf. Mc 14,36; Gl 4,6; Rm 7,14). Abbá em hebraico significa papaizinho, paizinho, ou seja, o pai carinhoso, o pai misericordioso, como na famosa parábola do filho pródigo, que volta à casa do pai e é perdoado pelo pai misericordioso (cf. Lc 15,11-32). Jesus revela essa figura do pai íntimo, do pai próximo, do pai no qual confiamos, do pai que logicamente é único, que não tem sexo, nós o desenhamos, o pintamos em figura de homem porque lhe chamamos de pai, mas não tem sexo; assim, o problema das discriminações não é porque a Igreja coloque a paternidade de Deus como se fosse masculina, mas é porque tu tens a discriminação na cabeça. Há um complexo de discriminação que leva a projetar na Igreja, que é Ela a que está discriminando. Não! Deus não é nem

homem nem mulher, como em Cristo não há judeu nem grego, nem homem nem mulher, nem escravo nem livre, senão que todos somos livres, unos, em Cristo Jesus (cf. Gl 3,28), com nossas diferenças. Deixemos isto para outro dia. Mas vejam que o tema da discriminação, que a maioria da sociedade vê fora, levam-no na própria cabeça quando começam com isto, que se falas menino, tens que dizer menina; se dizes pai, tens que dizer mãe, porque deve-se dizer homem e mulher, meninos e meninas. Não! Está dito mal. A primeira aceção da palavra *homem* no dicionário da Real Academia é “ser humano”, se dizemos “homem” é na primeira aceção; somente quando as palavras masculina e feminina são diferentes, temos que especificar, senão, somente com o verbete masculino já se inclui. Compre um dicionário! Bem, esses são problemas literários e gramaticais, mas que revelam que a discriminação está na cabeça de muitas pessoas, e não está somente na sociedade.

Nós descobrimos não somente tudo isto, um Pai que Cristo nos revela misericordioso, todo-poderoso, amplo, carinhoso, Abbá, mas também serviçal. O Pai, a Bíblia não o diz, mas assim o temos experimentado, serve inclusive a seu Filho, não somente o Filho serve ao Pai, “tudo o que vejo no Pai eu faço, tudo o que diz o Pai, eu digo” (cf. Jo 5,19-20). Por que, por exemplo, o Filho faz

o serviço de lavar os pés dos discípulos servindo a seus discípulos na última ceia(cf. Jo.13,5)? Porque Ele o viu em seu Pai. De onde Cristo o teria aprendido? “Eu faço com vocês tudo o que vi o Pai fazer (Jo 8,28), assim, se lavo os pés de vocês, é porque o Pai lavou os meus”. Essa experiência de ver o Pai ajoelhado lavando os pés do Filho, dá uma marca específica ao Filho para que Ele se transforme no Cordeiro de Deus, no Servo para tudo, no servidor, no “*Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo*” (Jo 1,29). Porque há uma experiência de amor que não se envergonha nem se humilha de servir a quem se ama, ao contrário, se orgulha; quem ama se orgulha de servir. Quem não ama faz picuinhas: “por que eu tenho que servir a ti?; e por que eu?; se ao final de contas sou o irmão mais velho, eu sou o chefe, eu tenho mais...”. Que coisa! E começa a discriminação que, repito, está na tua cabeça, porque para quem ama não há discriminação, o que é teu é meu, o que é meu é teu; tu me serves, eu te sirvo; porque no amor se confundem os amantes: “*já não são dois, mas uma só carne. Portanto, o que Deus uniu o homem não deve separar*” (Mt 19,6).

E isto é o que ocorre entre o Pai e o Filho; essa é a relação entre o Pai e o Filho, de onde procede nem mais nem menos que o Espírito Santo, presenteado em Pentecostes. O Espírito Santo é como a geração – porque é gerado,

não criado –, como o fruto desse intenso amor entre o Pai e o Filho, onde ambos se servem, onde ambos se complementam, se fundem em um só Deus. Duas pessoas distintas, sim, e um só Deus do qual procede o Espírito Santo derramado em Pentecostes à Igreja, frutos, derivações desse imenso amor que tem o Pai pelo Filho e o Filho pelo Pai.

Aí vamos entender o dia dos pais, quando entrarmos nestes níveis, e isto é o que, por sua vez, ilumina, dignifica e eleva todas as demais paternidades. Isto é o que dignifica a paternidade biológica, a paternidade espiritual, o apadrinhamento, o pai da pátria, sempre visto desde esta ótica. Tanto é assim que o Papa Francisco, o “Pope” como dizem os gregos, o papai, para chama-lo de alguma maneira, carinhosamente lhe chamamos de Santo Padre, quem não é Deus Pai, mas é parecido, diz: “Deus nos ama com amor de Pai”. Esse é o amor que Deus tem por nós, na verdade, veraz. Não vai pelo lado que nós queremos, não se faz de simpático conosco, não, destes temos muitos; todos querem ter a nossa vontade para que votemos neles, para que lhes compremos as coisas, todos nos “douram a pílula”, nos bajulam. Para que? Para contar com nosso “voto”. O verdadeiro pai diz a verdade, e se isso incomoda, *sorry*, mas não vou te mentir nem vou te adoçar.

3. Algumas características

O verdadeiro pai também é o que estimula, corrige, perdoa, o que te espera, o que perdoa setenta vezes sete (cf. Mt 18,22), se estás arrependido, o que te corrige e aceita as correções setenta vezes sete. Por que? Porque o pai ama o filho, como Jesus disse: “O Pai ama o Filho” (cf. Jo 5,20). Esse é o sentimento que tenho, diria Jesus aos seus. Diga-se de passagem, por este motivo o crucificaram, porque se fez igual a Deus Pai (cf. Mt. 26, 63-64.66). “O Pai e eu somos um”, dizia Jesus (cf. Jo 10,30), o que vejas em mim é do Pai. “Felipe, quem me vê, vê o Pai. Como me perguntas pelo Pai?” (cf. Jo 14,9). Se o Pai está em mim, como eu nele, somos o mesmo, “o Pai e eu somos um”. Duas pessoas, sim, mas um só Deus. Então os judeus se incomodaram: “como este vai se fazer o Pai? Como este vai se fazer Deus? (cf. Jo 10,33). Se somos todos iguais, se aqui todos crescemos iguais, ele pode falar, eu posso falar”. Não! Este é o Filho de Deus!

Então, como lhes disse anteriormente, ou arrebatou a paternidade violentamente, pela ditadura, pelo temor, pela ameaça, ou o crucifico para tirá-lo do meio. Por que? Porque está me revelando uma diferença. Por isso crucificaram a Cristo, por fazer-se igual a Deus nosso Pai. Logicamente, em Cristo nós compreendemos que o Pai é criador, que o Pai quando transmite a vida, o faz do nada, não como a

criatividade humana, que é imagem e semelhança de Deus, sempre combinando elementos que já estão feitos. O ser humano não cria do nada, o ser humano cria combinando o que já existe desde os primeiros sete dias da criação. Mas aquele que cria do nada é Deus “Pai nosso que estás nos céus”, ao que os hebreus chamavam “bará”, um verbo hebreu que só a Deus se aplicava. Em grego se diz “poieo”, que traduzido seria criar, parece ser sinônimo de produzir, de gerar. Os hebreus diziam “bará”, o único que cria do nada é Deus, o ser humano não cria do nada, cria a partir do que já está feito, combinando elementos. É um Deus que quando cria o faz não só para a existência, mas para a salvação, não só para que haja mais gente no mundo, senão para que se salvem, para demonstrar que a transcendência é de Deus e que nós, unidos a Deus, somos infinitos, transcendentos e todo-poderosos. E podemos conceber em nós a imagem de Deus, a plenitude; diz-se que Deus Pai é o pleroma, é a plenitude, a totalidade, é todo-abarcador. Claro que sim! Tudo isso aprendemos de Cristo, que na cruz une tudo, o céu, a terra, a esquerda, a direita, o de baixo, o de cima, e transmite-o a nós. Deus é criador, é todo-poderoso, é todo-abarcador, Deus é misericordioso, se goza, se alegra em seu Filho “em quem me comprazo” (Mt. 17,5).

4. Algumas derivações

O gozo do Pai, a alegria do Pai, é seu Filho, e a alegria do Filho é o Pai, e daí brota o Espírito Santo, Deus, alegria cristã para todos nós. “Gaudium et spes” é o documento da Igreja, do Vaticano II, tão profundo, onde a Igreja demonstra que a alegria e o gozo de Deus se transmitem ao mundo, o Espírito Santo derramado em Pentecostes à Igreja, mas pela alegria de Deus. Portanto, isso é o que hoje estamos celebrando; não é somente “feliz dia, papai!” Eu recordo os que morreram e também recordo os que me ensinaram, aos que me guiaram, todos foram meus pais! Recordo o Santo Padre o Papa Francisco, e também o Pai da arquidiocese, o Bispo, não é? Por isso pus no mural fotografias dos bispos; e, da mesma forma, outras paternidades que têm nos influenciado, mas especialmente dirigindo-nos a este, ao único “Pai nosso que estás nos céus”, que é a oração que Jesus nos ensinou a rezar.

A quem vamos invocar neste dia dos pais, neste décimo primeiro domingo do tempo comum – e por isso pusemos as cores verdes, pelo décimo primeiro domingo do tempo comum – senão a Maria Santíssima, Mãe de Deus e nossa Mãe. Aquela que foi eleita como a Filha predileta de Deus nosso Pai para que fosse a Mãe de seu Filho. Por isso, quem saberá mais da paternidade de Deus senão Maria Santíssima, a eleita por Deus Pai, a quem enviou o anjo Gabriel para perguntar se queria ser a Mãe de seu Filho. Ela é como a arca da aliança na qual se semeará a verdadeira

semente da salvação, “*o Espírito Santo virá sobre ti*” (Lc 1,35) e “*o fruto bendito de teu ventre*” (Lc 1,42) será o Filho. Portanto, quem melhor que Maria Santíssima para pedir que nos esclareça, que interceda por nós, para compreender e amar a paternidade de Deus? E se em Cristo o Pai se goza, se alegra, e a alegria do Pai é o Filho e o gozo do Filho é o Pai, quem melhor que Maria Santíssima, que quando abre a boca diz: “*minha alma engrandece o Senhor e meu espírito exulta em Deus, meu Salvador*”? (Lc 1,46-47). Assim começa a bela oração do Magnificat. Alegria de Maria, alegria de Cristo em Deus nosso Pai, nossa alegria pelo Espírito Santo derramado em Pentecostes, que tomara nos siga acompanhando ao longo da vida, ao longo dos tempos, mostrando-nos os papéis de pai, de mãe, de filho, de irmão; papéis parciais, sim, mas todos são – digamos – como partes incompletas de uma totalidade que é Deus Uno e Trino, revelado em Cristo, nascido de Maria, nosso Salvador.

Que assim seja.